



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

MAL-ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE: DIAGNÓSTICOS POSSÍVEIS¹

Patrícia Aparecida Bortolloti; Paulo Roberto de Carvalho
patricia.bortolloti@gmail.com; paulor@uel.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL

Resumo

Nosso tempo é marcado por um constante processo de individualização, que juntamente com os atuais modos de vida pautados nos ideais do sistema capitalista, produz sintomas de mal-estar subjetivo. Através desta pesquisa, que se caracteriza como uma pesquisa teórico interdisciplinar, procuramos identificar e analisar a contemporaneidade buscando diagnosticar o tempo presente de acordo com as novas formas de mal-estar produzidas neste tempo. Para tanto, começaremos nossa análise com Freud e percorreremos seu caminho até a atualidade, onde a discussão estará amparada por teóricos da Psicologia Social, da Psicanálise e da Filosofia. Nesse sentido, podemos citar o narcisismo e sua relação com o empobrecimento afetivo e o niilismo e o tédio e sua relação com o crescente fenômeno dos suicídios como dois possíveis diagnósticos da atualidade. Para o diagnóstico, nos basearemos na perspectiva de diagnóstico para Foucault, na tentativa de desnaturalizar o que o habita e de entender como e por que nos tornamos o que somos hoje, assim como aquilo que não somos mais.

Palavras-chave: diagnóstico; mal-estar; contemporaneidade.

Introdução

A modernidade como a conhecemos no tempo presente é consequência de um longo processo no qual o homem, através da ciência e da racionalização científica, se implicou na tarefa de desmistificar e questionar o mundo. Porém, as

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

promessas feitas pela modernidade não se concretizaram na medida em a ciência não foi capaz de aliviar as angústias do homem, que inserido neste mundo, vive a falta de representações simbólicas que possam se interpor entre a morte e o momento presente, sendo que essa mediação entre homem e mundo parece ser feita apenas através das lógicas de consumo e suas variações. Acreditar no outro, em si e no mundo parece ser uma tarefa cada vez mais difícil, e isso tem produzido subjetividades sintomáticas em uma sociedade estruturada pelo mal-estar. Birman (2003, p. 229) coloca que "foi no vazio existencial produzido pela evaporação das visões de mundo, numa ordem social inteiramente perpassada pela ciência, que o desamparo do sujeito se tornou agudo e assumiu formas até então inexistentes"; e que "o mundo desencantado e sem Deus, marcado pela absoluta racionalização científica, produziu formas inéditas de desamparo quando as utopias do iluminismo e da modernidade foram silenciadas".

É importante ressaltar que quando falamos em mal-estar, conceito tão englobado pelo senso comum, não buscamos retratar aquele mal-estar proposto através dos diagnósticos psiquiátricos, englobados por um discurso psicopatológico, mas pretendemos lançar luz sobre um mal-estar que, de forma ou outra, vem se apropriando e se presentificando em modos de vida na nossa sociedade, se estabelecendo de forma difusa. Aqui, o mal-estar será pensado enquanto sintoma social, e não caracterização psiquiátrica individual, entendido como um desdobramento, uma construção subjetiva frente às novas configurações e transformações do mundo.

Para que seja possível caracterizar e investigar do que se trata esse mal-estar, partimos de Freud, que em 1930, através do livro "O mal estar na civilização", já nos alertava sobre a extensão dos "males" instaurados na civilização da época. Conforme colocado por Freud, o sentimento de mal-estar passou a fazer parte da vida do homem a partir do momento em que o mesmo renunciou seus instintos em função de um contrato civilizatório, organizando-se de forma estrutural e, como tal, produzindo novos tipos de sintomas e apresentando novas configurações, ou novas faces de suas implicações subjetivas, de acordo com o tempo em que é vivenciado.

Dessa forma, considerando o processo de subjetivação enquanto uma



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

construção que advém de várias forças, “descobre-se que o que torna o homem possível é, no fundo, um conjunto de estruturas, estruturas que ele pode certamente pensar e descrever, mas de que ele não é o sujeito, ou a consciência soberana.” (FOUCAULT 1967, p. 36-37). Nessa difícil tarefa de entender esse processo a qual nos dedicamos, contaremos com o auxílio do conceito de diagnóstico do presente de Foucault, que se constitui enquanto uma tentativa de desnaturalizar o que o habita (instituições, formas de pensamento, modos de subjetivação) por meio da pesquisa histórica que demonstra as rupturas do percurso e a densidade dos fenômenos que atravessam os acontecimentos históricos. Nesse sentido, o diagnóstico desenvolvido por Foucault atinge outra dimensão: ultrapassa o de uma crítica, mas possui a potência de transformador da realidade social, já que “[...] *por que essas coisas foram feitas, elas podem, com a condição de que se saiba como foram feitas, serem desfeitas*” (Foucault apud Adorno, 2004, p. 44).

Procedimentos metodológicos

Para se construir uma metodologia de pesquisa em psicologia social, é preciso entender, inicialmente, que a pesquisa aplicada à realidade social é uma modalidade de investigação que trata “do ser humano em sociedade, de suas relações e instituições, de sua história e de sua produção simbólica” (Minayo, 2010. p. 47), não se configurando enquanto um manual que poderá ser submetido a processos de generalização, mas como um método que se debruça sobre a dúvida, o questionamento e a problematização, e seu conhecimento é produzido provisoriamente.

Assim, com o objetivo de entender como se constrói e de como se manifesta, sintomaticamente, o mal-estar na sociedade contemporânea, amparados no método qualitativo, a presente pesquisa define-se enquanto pesquisa teórica interdisciplinar. A pesquisa teórica tem como ponto fundamental o estudo e re-construções de teorias, e assim atua de forma a permitir o desenvolvimento das mesmas, porém, diante do momento histórico em que vivemos, no qual áreas isoladas do conhecimento têm sido insuficientes para explicar determinados fatos sociais, é necessário que áreas conversem entre si para que um entendimento mais elaborado



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

e consistente seja construído, sendo que a interdisciplinaridade é “[...] como a arte do aprofundamento com sentido de abrangência, para dar conta, ao mesmo tempo, da particularidade e da complexidade do real” (Demo, 1998, p. 88-89). O diálogo entre distintos campos do saber - Psicanálise, Psicologia Social e Filosofia - é uma alternativa para flexibilizar as fronteiras e construir novos conhecimentos a fins de intervenção social.

Dessa forma, a unidade de análise teórica será projetada sobre a manifestação do mal-estar social na sociedade contemporânea, na tentativa de viabilizar uma reflexão sobre a emergência do mal-estar enquanto produção subjetiva atrelada a uma lógica capitalista dos modos de vida, fundamentada nos pressupostos do individualismo e da liberdade, assumindo uma perspectiva que será política e metodológica, buscando o afastamento de teorias normativas e individualizantes, bem como de grupos que se mostram coesos e harmônicos em sua aparência, mas que não assumem seus limites.

Resultados e Discussão

Dentro da proposta de diagnosticar o presente de acordo com o mal-estar que o mesmo manifesta, podemos caracterizar, aqui, dois diagnósticos. O primeiro está relacionado à questão do narcisismo e sua relação com o empobrecimento afetivo observado nos relacionamentos interpessoais, sendo que o narcisismo discutido em Freud atinge proporções maiores na sociedade contemporânea, desdobrando em um narcisismo de massa relacionado a cultura do narcisismo; o segundo diagnóstico possível está relacionado ao tédio e a escalada do niilismo, previsto por Nietzsche já em seu tempo e que ocupa cada vez mais lugares na subjetividade, ao mesmo tempo em que é assinalado para ser fundamentalmente negado, mas que atualmente parece ter relação com o crescente fenômeno dos suicídios identificado na atualidade.

Conclusões

Apesar de ser apenas o início de uma caminhada em direção a diagnosticar o mal-estar presente na sociedade contemporânea, podemos nos arriscar, desde já, a



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

chamá-los de mal-estares na subjetividade capitalística, já que o capital se apropria das subjetividades e da mesma forma, direciona o destino que se dá para essas dores. Assim, o sujeito desterritorializado (Deleuze e Guattari, 1972), que vivencia a perda de consistência nas relações, o esvaziamento afetivo e o niilismo no processo de construção e destruição dos territórios humanos, com seus agenciamentos e suas intensidades, acaba por direcionar para fins de consumo suas relações e seus afetos.

Referências

- Adorno, F. P. (2004) A tarefa do intelectual: o modelo socrático. In: Gros, F (Org). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo. Parábola Editorial.
- Birman, J. (2003). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação* (4a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1972) *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Demo, P. (1998). Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. *Rev.latino-am.enfermagem*, 6(2), 89-104.
- Foucault, M. (1967/1994) Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade. In: *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Gen.
- Freud, S. (1930/ 1997). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Imago